


FREE BOOKS



O MORTO VIVO

POGGIO BRACCIOLINI



FREE BOOKS

O MORTO VIVO

POGGIO BRACCIOLINI

POGGIO BRACCIOLINI

O MORTO VIVO

FREE BOOKS EDITORA VIRTUAL – CLÁSSICOS ESTRANGEIROS
NARRATIVA HUMORÍSTICA

Título: O MORTO VIVO.

Autor: Poggio Bracciolini (1380 – 1459).

Tradução: Paulo Soriano, a partir de “Facezie”, 3ª. Edição, tradução italiana de autor desconhecido, publicada em 1891 por Edoardo Perino, Roma.

Imagem da capa: Anônimo alemão do século XV.

Leiaute da capa: Canva.

Série: Clássicos Estrangeiros – vol. 43.

Editor: Free Books Editora Virtual.

Site: www.freebookseditora.com

Direitos: Original de domínio público (art. 41, da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998). Tradução: © Paulo Soriano. Proibida a reprodução sem autorização prévia e expressa do editor.

Ano: 2018.

Sites recomendados:

www.triumviratus.net, www.contosdeterror.com.br,
www.contosdeterror.site

SUMÁRIO

[O MORTO VIVO](#)
[SOBRE O AUTOR](#)

O MORTO VIVO

Havia em Florença um louco chamado Nigniaca que, longe de ser furioso, era bastante alegre. Alguns jovens brincalhões, por pura diversão, acharam por bem convencê-lo de que ele se achava muito doente, e, a tanto, urdiram uma boa trama.

Um deles, encontrando-o pela manhã, a sair de casa, perguntou-lhe por que parecia tão enfermo, pois o seu semblante estava profundamente abatido e pálido.

— Que nada! — respondeu o louco.

Um pouco mais à frente, deparou-se com outro conluiado, que lhe perguntou se tinha febre, eis que exibia uma face lívida e doentia.

O doido começou a desconfiar da própria higidez, imaginando que aquilo que lhe diziam bem poderia ser verdade. Tímida e lentamente, prosseguiu seu caminho, mas logo se deparou com um terceiro dos traquinas. Este, conforme o combinado, assim que o viu, disse:

— A tua fisionomia demonstra que estás seriamente doente. A olhos vistos, tem-se que sucumbes a uma febre violenta.

Cada vez mais temeroso, o maluco deteve-se. Pôs-se a conjecturar, consigo mesmo, se se sentia realmente febril.

Então apareceu um quarto jovem, asseverando-lhe que estava deveras doente. Dizendo-se maravilhado por não encontrá-lo acamado, o moço persuadiu o idiota a voltar imediatamente para casa. Oferecendo-se como um amigo, prometeu tratá-lo como a um irmão.

O maluco obedeceu. Como se estivesse mesmo gravemente enfermo, enfiou-se na cama, qual um moribundo.

Logo os demais amigos apresentaram-se na casa, dizendo ao parvo que fizera muito bem em recolher-se ao leito.

Chegou, em seguida, mais outro jovem travesso, que se passava por médico. Tomando-lhe o pulso, disse ao paciente que a doença o mataria prontamente.

— Já está morrendo! — disse um.

— Os pés dele já esfriam! — disse outro.

— Ele balbucia...

— E os seus olhos já estão ficando vítreos!

E, então, disseram, todos juntos:

— Ele morreu!

— Fechemos-lhe os olhos, cruzemos-lhe as mãos e tratemos de seu enterro.

E depois:

— Quão desgraçada é para nós esta imensa perda!

— Ele era um bom homem! Era nosso grande amigo!

E consolavam mutuamente.

Hirto como um vero defunto, o louco persuadiu-se de que estava mesmo morto.

Puseram-no num esquife, e com ele desfilaram pelas ruas da cidade. E quando os transeuntes indagavam sobre o morto, os jovens respondiam:

— É Nigniaca, que morreu, e o levamos para o túmulo!

Ao longo da jornada, muitos se juntaram à brincadeira, dizendo a todo mundo que levavam Nigniaca ao sepulcro.

Em um ponto do caminho, assomaram numa taberna.

— Que pérfido animal era ele!— exclamou o taberneiro. — Um ladrão maléfico. Digno de ser executado!

Então, ouvindo estas palavras, o louco ergueu a cabeça.

— Se eu estivesse tão vivo quanto estou morto — ele respondeu —, eu te diria, patife, que mentes garganta afora!

E os que o levavam soltaram uma estrepitosa gargalhada, abandonando o louco, sozinho, em seu esquife.

SOBRE O AUTOR

Giovanni Francesco Poggio Bracciolini (1380 – 1459), escritor e humanista italiano, é lembrado sobretudo por haver encontrado, recuperado e posto em circulação importantes obras da literatura latina caídas no esquecimento, tais como “De Rerum Natura” de Lucrecio, “Institutio Oratoria” de Quintiliano e algumas canções de Virgílio. Em latim, escreveu “Facetiae”, uma coletânea de 272 historietas humorísticas, entre as quais o conto “O Morto Vivo”, originalmente denominado “De um morto que estava vivo e que, levado ao sepulcro, falou e fez rir”).